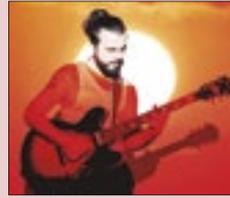


Franz Rogowski,  
o ator mais pop  
da Alemanha



PÁGINA 4

A autoralidade  
nos acordes de  
Will Magalhães



PÁGINA 3

Luiz Miranda dá  
vida ao visceral  
Lima Barreto



PÁGINA 5

## 2º CADERNO



Divulgação

Uma visão de 360° englobando paisagens de puro êxtase, o Mirante Rocinha descortina ao mesmo tempo vários símbolos cariocas

# Carioquice com todas as letras

Nova edição  
do Almanaque  
Carioquice destaca  
um roteiro que foge  
do tradicional

**M**ostrar as atrações da Cidade Maravilhosa sob um ângulo diferente. Essa é a proposta do Almanaque Carioquice 2024. Nas páginas da publi-



Reprodução



Divulgação

Uma das sedes dos Jogos Pan-americanos de 2007, o Centro Miécimo da Silva, em Campo Grande, hoje promove educação e inclusão



Divulgação

A Quinta da Boa Vista, em São Cristóvão, recebe atividades de introdução à ciência todos os domingos

cação, um Rio de Janeiro desconhecido de muitos cariocas e que nem todo mundo vê, com atrações que revelam os encantos mil produzidos pela integração entre belezas naturais e diversidade cultural.

Parceria do Instituto Cultural Cravo Albin (ICCA) com a Insight Comunicação, a publicação chega à sétima edição mostrando a graça, a tipicidade e o charme de “outras praias” cariocas.

Celebrando os 20 anos da marca Carioquice, Ricardo Cravo Albin, ressalta

que a publicação exalta o melhor da cidade e das pessoas. “O espírito carioca é o irrefreável sentimento de descontração, de largueza de gestos, do celebrar-se a cidade que penetra lá no fundo da alma de quem é invadido por sua beleza, elegância e originalidade. E nunca aquele estado sombrio que pode nos acobardar pelas ondas (que aparecem e desaparecem) de possíveis violências, impunidades, desencontros”, comenta.

As páginas do Almanaque Carioquice estão recheadas de atrações da cidade que vibra desde cedo, e que reúne um rio de gente, nas praias, praças e parques, boates ou em torno de uma boa roda de samba, passando por polos gastronômicos, feirinhas, mercadões e atividades esportivas ao ar livre.

O Almanaque segue sua tradição de ter uma abordagem temática, sempre buscando uma forma de cobrir aspectos poucos exaltados e descobrir lugares e histórias surpreendentes. Em 2023, a publicação investigou os lugares que trouxeram inovação para a cidade. Em 2022, o conceito foi relacionado ao Rio que deu a volta por cima e se reinventou com a pandemia. Todas as edições podem ser acessadas no site.

**Continua na página seguinte**

## CORREIO CULTURAL



Cinebiografia da banda divide a família

## Herdeiros dos Ramones vão à Justiça contra filme da Netflix

Herdeiros dos membros da banda Ramones entraram na Justiça contra o filme “I Slept with Joey Ramone”, anunciado pela Netflix e que vai narrar a história do punk entre os anos 1970 e 1980 a partir da influência do grupo americano no movimento.

Linda Ramone, viúva do vocalista Johnny Ramone, alega que Mickey Leigh, que

por sua vez é irmão de Joey Ramone, teria desenvolvido uma cinebiografia sem consentimento dos outros familiares dos membros. O primeiro deles morreu em 2004, e o segundo, em 2001. Dona de metade da propriedade intelectual deixada pelos Ramones, Linda ainda acusa Leigh de tê-la ameaçado e difamado.

### Susto

Regina Casé compartilhou com seus seguidores que teve um problema nos olhos e chegou a ficar dois dias sem enxergar. A atriz contou que sofreu lesão química na córnea causada por uma cola de cílios postiços. “Isso é para vocês tomarem cuidado”, disse.

### Piada boa

Sandy dará vida à protagonista de “Evidências da Paixão”, comédia romântica que une viagem no tempo e o hino “Evidências”, eternizado nas vozes de Chitãozinho e Xororó. “É uma piada muito boa. Eu, filha do Xororó, cantando ‘Evidências’”.

### Ainda sem nome

No fim do ano, a Globo anunciou o nome e a previsão de estreia do novo reality musical, o Estrela da Casa, que deve chegar à emissora em agosto. Agora o mistério gira em torno de quem vai comandar a atração criada por Boninho.

### Na bronca

O Ministério das Relações Exteriores da Ucrânia criticou a HBO e a série “The White Lotus” por escalarem o ator sérvio Milos Bikovic para a terceira temporada da série. Segundo a pasta, ele é pró-Rússia e estaria apoiando o país no conflito travado no Leste Europeu.



Opção de lazer o ano inteiro, o Aterro se torna um epicentro da alegria no carnaval

# Uma cidade com a vocação de reunir pessoas em muitos tipos de espaço

**A**nova esta edição do Almanaque Cariquice garimpou preciosidades, em lugares que atraem verdadeiras multidões, tribos descoladas ou grupos de interesse comum. No roteiro, o Aterro do Flamengo, o nosso Central Park, que se transforma em ícone do Carnaval, durante o reinado de Momo. Em meio às intermináveis mutações da festa que define a identidade carioca, o Parque é um epicentro de inovação, ecletismo musical e gente.

Símbolo do subúrbio carioca, o Piscinão de Ramos é um oceano de atividades de lazer muito além dos mergulhos, com aparelhos de ginástica, quadras poliesportivas, quadra de areia, campo de grama sintética, parquinhos infantis, espaço multiuso, áreas de convivência,

além de ciclovias e pista de skate.

No quadrilátero entre as ruas São Salvador, Esteves Júnior e Senador Corrêa, em Laranjeiras, a Praça São Salvador é a festa para todas as idades, de manhã à noite, desde a gurizada aproveitando o parquinho até a feirinha de artesanato, além do bloco “Bagunça meu coreto”, criado pelos moradores e que arrasta uma multidão pelas redondezas durante o carnaval. O Largo da Prainha, Baixo Gávea, Baixo Tijuca (Praça Varnhagen) e “Botasoho” – a confluência entre as ruas Álvaro Ramos e Arnaldo Quintela.

Tem também os “mercadoes” da cidade, como a Cobal do Humaitá, Cadeg, Uptown e Saara, são os melhores points, segundo o Almanaque, para ver e ser visto. O Ballet Manguinhos, em Higienópolis, está há mais de uma década

transformando a vida de jovens de 20 favelas da Zona Norte do Rio de Janeiro. E o Baile Charme do Viaduto de Madureira também é uma das atrações que agitam o subúrbio.

Para agradar turistas e cariocas, o Maracanã é apresentado por uma ótica menos convencional: o lado de fora do estádio. As opções pré-jogo enchem as ruas nos arredores do “Maraca”, que ficam lotadas de torcedores vestidos com seus mantos e cantando hinos e canções de seus clubes do coração. O “aquecimento” costuma ser regado com copos cheios e muita empolgação, quando os torcedores se encontram nos bares e invadem as ruas com muita paixão e alegria.

Um rolê diferente, a Ilha da Gigoia, a nossa pequena Veneza, atrai vários visitantes pelo passeio de barco na Lagoa da Tijuca e pelos quitutes que dão água na boca nos vários restaurantes instalados no local. O conteúdo ainda traz as listas das melhores batidas e rodas de samba da cidade, para beber e curtir com os amigos.

O Almanaque Cariquice tem presença digital permanente nas redes sociais, com atualização diária sobre lugares, eventos, programações e dicas do Rio de Janeiro, alcançando mais de dois milhões de pessoas por mês. O perfil @almanaquecariquice pode ser acompanhado no Instagram, Facebook e TikTok. O conteúdo da edição 2024 poderá ser acessado digitalmente através do site e das redes sociais do Almanaque Cariquice.

# Uma guitarra de muitos sotaques

Em 'Impressões', seu álbum de estreia, Will Magalhães apresenta múltiplas influências musicais sem abrir mão da brasilidade

Por Affonso Nunes

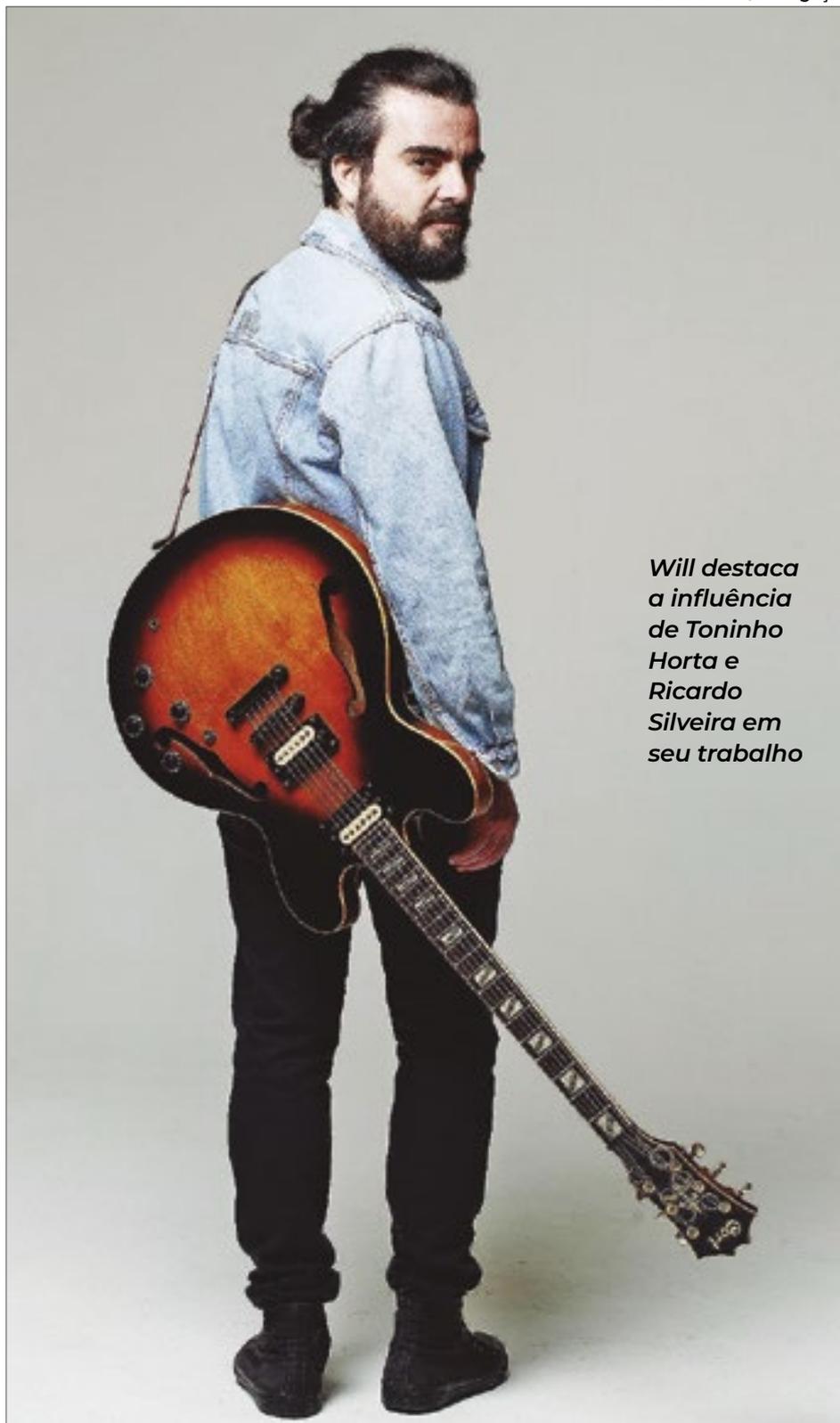
**T**razendo um caldeirão de influências que aproxima o rock progressivo do jazz, o blues ao Clube da Esquina e ao Azymuth, o guitarrista, compositor e produtor musical mineiro Will Magalhães apresenta seu excelente álbum de estreia solo "Impressões", já disponível em todas as plataformas de música.

Composto por sete temas, seis instrumentais, o projeto é uma vigorosa viagem sensorial que abrange uma variedade de timbres, um espectro sonoro que dá protagonismo à guitarra do artista mas que também faz uso dos sintetizadores, instrumentos de sopro e de percussão com grande destaque. O artista apresenta uma interessante releitura de "Blackbird", clássico de Lennon e McCartney mas sem abrir mão da brasilidade. Brasilidade muito expressa em outros destaques do trabalho: a faixa "Groove pra Iemanjá", um ijexá de cores jazzísticas.

## Sonoridade madura

"Impressões" é um álbum que traz uma sonoridade mais madura, rico em ritmos, timbres e melodias, com raízes profundas na música brasileira, imersas na linguagem do jazz contemporâneo, com influências do blues e do rock", explica o músico que tem nos guitarristas Toninho Horta e Ricardo Silveira (músico da banda de Milton Nascimento por muitos anos) suas duas maiores influências no instrumento.

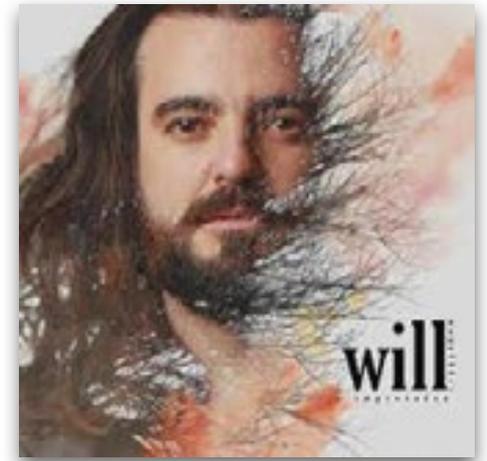
"Como um artista mineiro, bebo nas fontes da música do meu estado, especialmente na guitarra de Toninho Horta. Muito disso que se deu através dos anos de estudo na "Bituca - Universidade de Música Popular, em Barbacena, através de forte pesquisa de repertório e convivência com outros músicos e mestres que



Luiz Brown/Divulgação

*Will destaca a influência de Toninho Horta e Ricardo Silveira em seu trabalho*

Divulgação



estudam e/ou trabalham com o Toninho", admite.

"Com o Ricardo Silveira, que é outro expoente da guitarra brasileira, a história é diferente. Desde que cheguei no Rio de Janeiro, em 2014, tenho criado uma relação de proximidade com o Ricardo, indo a inúmeras apresentações dele e fazendo uma escuta atenciosa nas suas gravações. Sempre com muita atenção em todos os detalhes que permeiam a sonoridade deste grande músico", conta Will. "Certamente, é a partir daí que surge a influência. Por outro ângulo, a trajetória profissional de Ricardo Silveira como guitarrista sideman também é algo admirável e que inspira qualquer outro instrumentista que trabalha com a MPB e a música instrumental", reforça.

Além do trabalho solo, Will Magalhães integra o renomado Sexteto Sucupira e coleciona em sua carreira colaborações com diversos artistas e grupos, desde ícones da MPB e do jazz até nomes proeminentes do universo do samba e do pop. Ele já compartilhou o palco com artistas como Jane Duboc, Ney Matogrosso, João Donato, Fernanda Abreu e muitos outros.

O álbum foi gravado na Bituca - Universidade de Música Popular, em Barbacena, com produção de Nema Antunes, que também assina os baixos, junto de uma banda formada por Max Dias (baixo), Marco Brito (teclado), Erivelton Silva (bateria), André Fróes (bateria), Licinho (percussão), Marcelo Martins (sax/flautas), Breno Mendonça (sax), Fernanda Santanna, Hilreli e Ciro Belucci (vocais). A mixagem e masterização foram realizadas por Fabrício Mattos, um profissional laureado com dois prêmios Grammy Latino e sete indicações.

Agora, ele consolida sua trajetória em álbum autoral que mostra toda sua versatilidade como criador e prepara a turnê de lançamento.

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

**A**o finalizar suas atividades, no sábado, celebrando a força do cinema autoral contemporâneo, o Festival de Küstendorf, na Sérvia, jogou seus holofotes sobre um ator que virou sinônimo de transgressão na seara do filme independente: o alemão Franz Rogowski. O longa-metragem de encerramento do evento eslavo, “Disco Boy”, já foi lançado no Brasil e pode ser (re)visitado via streaming no <https://www.belasartessalacarte.com.br/disco-boy>.

Mas o título recente de maior destaque de Rogowski está na MUBI: “Passages”. Ele permaneceu semanas a fio nas salas de exibição brasileiras no papel de um cineasta em dúvida de seus sentimentos, dividido entre o marido (Ben Whishaw) e uma namorada (Adèle Exarchopoulos). O roteiro do filme é do carioca Maurício Zacharias, rodado sob a direção de Ira Sachs. Tá na MUBI, assim coimo outros bons trabalhos do astro n° 1 da Alemanha hoje. Ele tem três produções de peso pela frente para este ano: “The Way Of The Wind”, o longa de Terrence Malick sobre Jesus Cristo; “Bird”, de Andrea Arnold; e “Wizards!”, de David Michôd.

“Sinto que o streaming nos abriu novas possibilidades de acesso aos filmes, mas continuo a ter o cinema, das salas, como proposta, acreditando em narrativas avessas a algoritmos, voltadas a dilemas humanos”, disse o ator ao Correio da Manhã, via Zoom.

Contundente estudo sobre inadequações territoriais: “Disco Boy” é dirigido por Giacomo Abbruzzese e ganhou o mundo na Berlinale, em fevereiro passado. O Festival de Berlim de 2023 presenteou esse misto de drama existencial e thriller bélico com a láurea de Melhor Contribuição Artística, dada à sua direção de fotografia, assinada pela francesa Hélène Louvart (que trabalhou com o cearense Karim Aïnouz em “A Vida Invisível”).

Amparado numa ginástica de iluminação e de enquadramentos nada convencional, “Disco Boy” propõe uma espécie de amálgama existencial e sensorial entre o revolucionário Jomo (Morr Ndiaye), do Níger, e o imigrante ilegal bielorrusso Aleksei (Rogowski, em genial atuação). Enquanto o jovem nigerense se une à guerrilha contra companhias de petróleo, o “alien” eslavo se alista na Legião Estrangeira como forma de ganhar nacionalidade francesa. Após o grupo de Jomo sequestrar cidadãos franceses, Aleksei é enviado para comandar uma operação a fim de detê-lo. Mas uma conexão nas raias do misticismo aproximará os dois.

“Existe sempre algo de pessoal meu na maneira como os personagens são compostos, que vai pela minha percepção da raiva, do amor, da



Divulgação

*Ao lado de Adèle Exarchopoulos, Franz Rogowski mobilizou cinemas e a MUBI em ‘Passages’*

# Balé da independência

Egresso da dança, Franz Rogowski se firma como o ator mais pop (e respeitado) da Alemanha à força de longas como ‘Disco Boy’, que fechou o Festival de Küstendorf, no sábado na Sérvia

ternura, e que não se expressa por palavras, mas, sim, por gestos. Não tento jamais colorir uma atuação com algo que não tenho”, diz Rogowski ao Correio da Manhã em entrevista via Zoom, mediada pela MUBI, plataforma que dedicou a ele uma retrospectiva, ainda no ar, contemplando títulos premiados inéditos em circuito aqui. “Escolho papéis de diretores cuja escrita de roteiro me desperte o olhar ou a curiosida-

de. Tenho recebido convites internacionais por conta da circulação de meus filmes alemães por festivais e pela MUBI, mas eu celebro o fato de a Alemanha não ter, hoje, um cinema que possa ser rotulado sob um só ponto de vista, sob uma única tendência. Existe pluralidade e, nós, que construímos esse cinema estamos atrás disso, da diversidade de vozes”, explica o ator, que tem uma formação em dança, como bailarino e como coreógrafo. “É por meio do corpo que eu expresse a verdade dos personagens”.

Suas coreografias afetivas se desenham de forma sutil em “Disco Boy”, mas em outros filmes também, entre eles “Love Steaks” (2013), de Jakob Lass; o divertido “Nos Corredores” (“In The Aisles”, Prêmio do Júri Ecumênico na Berlinale 2018); o sombrio “Luzifer”, de Peter Brunner (uma das revelações do Festival de Locarno em 2021); e o drama de tintas LGBTQA+ vencedor do Prêmio do Júri da mostra Un Certain Regard de Cannes, do ano passado: “Great Freedom”, de Sebastian Meise. Esse último foi um dos títulos europeus mais elogiados na seleção da Croisette do ano passado e conquistou outros 19 prêmios com sua luta contra homofobia e sua aposta lúdica no amor romântico.

“É um filme que escorrega de qualquer rótulo, como o grande cinema se propõe a ser”,

disse Rogowski, que recria, sob a batuta de Meise, um crime estatal de sua Alemanha natal: a criminalização da homoafetividade.

Encerrada só nos anos 1990, a política homofóbica da Alemanha é retratada por Meise a partir do pós-guerra, quando Hans Hoffmann (papel de Franz) é repetidamente encarcerado por ser homossexual. A única relação estável na sua vida torna-se o seu companheiro de cela, Viktor (Georg Friedrich). O que começa com a repulsa transforma-se em uma paixão, que nasce silenciosa e violenta.

“Vazio é uma palavra que muda de sentido quando você a prende a extrair potência da quietude”, diz Rogowski. “Trabalhávamos, Friedrich, Meise e eu, num espaço muito pequeno, referente a uma cela, pra expressar todo um universo de que os verbos não dão conta”.

Dirigido pelo aclamado Michael Haneke em “Happy End” (2017), que não teve carreira comercial no Brasil, em tela grande, Rogowski brilhou ainda em “Eu Estava em Casa, Mas...” (2019), que rendeu o Prêmio de Melhor Direção à realizadora Angela Schanelec na Berlinale. “Procuro filmes que celebrem a liberdade”, define o ator. “O cinema pode descobrir no streaming um espaço de respiro, que não ignora a tela grande e a sala escura, mas serve de espaço de expressão”.

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

**L**ançado sem muito alarde, apesar de ter sido acolhido com críticas elogiosas, em 2022, “Lima Barreto, ao Terceiro Dia” ganha novas e merecidas vitrines nas plataformas digitais. Dá para fisgar essa necessária imersão na psique fraturada de um de nossos mais potentes escritores na Amazon Prime e no Globoplay, sendo que a ClaroTV também dá pistas de como vê-lo.

Falar desse longa-metragem é falar de literatura. É filme que evoca escritas. “Não titubearia, não hesitaria, livremente poderia falar, dizer bem alto os pensamentos que estorciam no meu cérebro. O flanco que a minha pessoa, na batalha da vida, oferecia logo aos ataques dos bons e dos maus, ficaria mascarado, disfarçado...”, escreveu Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922) num recanto de página de “Recordações do Escrivão Isaías Caminha” (1909). É uma exortação aos crocodilos sociais e existenciais de sua trajetória como jornalista. Uma trajetória perfumada pela flor do Lácio, numa conexão entre a lida da reportagem e o ato de escrever literatura, que acabou afogada, há cem anos, em aguardente, epilepsia tóxica e crises de reumatismo.

É uma trajetória que perpetuou a luta antirracista na prosa nacional dos séculos XIX e XX, discutindo o “embranquecimento” em nossas representações de nação, por meio de “Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá” (1919) e “Clara dos Anjos”, publicado postumamente em 1948. Uma trajetória que o diretor Luiz Antonio Pilar (de “Candeia”) filma não num viés biográfico ortodoxo e, sim, num diálogo transmídia entre Teatro e Cinema. Diálogo que se calca na força do verbo – num primor de roteiro, laureado no Cine PE em 2021 – numa estrutura palavrosa, pautada não pela causalidade (ação gera reação) e, sim, por um fluxo de pensamento livre, em jorro, capaz de traduzir uma psiquê fraturada pela exclusão.



Luis Miranda vive o autor de Policarpo Quaresma em ‘Lima Barreto Ao Terceiro Dia’

# No princípio, ou no fim, era o verbo de Lima Barreto

Plataformas digitais e canal de TV celebram a memória (e a obra) do autor carioca, morto em 1922, que virou ícone da luta antirracista

Pilar monta uma dramaturgia de evasão (do tempo e da lucidez), que faz da memória sua arena, a partir da peça teatral homônima escrita em 1984 por Luís Alberto de Abreu (autor de “Foi Bom, Meu Bem?”) e encenada em 1995, com montagem dirigida por Aderbal Freire-Filho. No palco, Fernando

Almeida (1974-2004) e Milton Gonçalves (1933-2022) se revezavam na encarnação de Lima, em dois momentos: o Barreto jovem, cheio de som e de fúria; e o Barreto macerado pelo alcoolismo. Na engenharia fílmica que criou apoiado na madura fotografia de Daniel Leite, Pilar divide seu personagem

em dois hemisférios. De um lado, há Sidney Santiago Kuanza, sólido em uma composição a um só tempo iracunda e doce. Do outro, vem (o gênio) Luis Miranda, que leva Lima ao precipício da inconsciência.

Cada uma dessas “instâncias” de Lima tem um dinâmico a seu

lado, ou seja, uma figura que empurra o escritor a um horizonte dionisíaco de criação. Na fase final, com Miranda, surge o paciente de um hospital psiquiátrico, Felipe, esculpido a cinzel pelo artesão do drama Eduardo Silva. Na fase jovem, há Gregorinho, sócio de Barreto na pinga, defendido pelo ator Fernando Santana com carisma a mil. E entre eles aparecem as elucubrações do Policarpo Quaresma, o Dom Quixote do Brasil, em erupção por meio do vulcão Orã Figueiredo, a lutar contra e vencer os moinhos de vento da carectice. É, portanto, um filme com medula nas artes cênicas, que não se presta a didatismos, mas gera catarse e instiga um debate contra a intolerância racial. Vai ter Lima Barreto no Canal Curta! Também, e em sua plataforma online. A audiência de filmes ligados ao escritor é sempre assegurada.

“Noite e Dia: Lima Barreto, Obra & Vida”, produção da Kinopus estreia no Curta! no dia 1º de fevereiro, às 21h30. Pode ser visto ainda no CurtaOn. A direção é de Rodrigo Grota, que mapeia os feitos do autor.

CRÍTICA / LIVRO / A ALMA AFLITA DAS RUAS

Por Luiz Carlos Lacerda\*

# Um caminhante no caos carioca

Não por acaso, Paulo-Roberto Andel reúne numa só crônica João do Rio, ao comentar a comoção que se abateu sobre a cidade e suas exéquias que reuniram 100 mil pessoas em 1923, e o escritor de “Cenas de Nova York”, o beatnik Jack Kerouac.

Um dedicou sua prosa literária e jornalística à apaixonada observação da “alma encantadora das ruas”, o outro ao lado obscuro do hipócrita way-of-life americano, antecipado pelo pintor Edward Hopper, uma geração antes, no contraponto da família típica dos comerciais de margarina, com suas imagens de desolação, através de seus solitários personagens.

Nosso desesperado e aflito escriba se debruça sobre um Rio contemporâneo habitado principalmente por um exército de famintos que habitam as ruas. E se solidariza com a miséria desse universo que se alastra como incontável pólvora da chaga social que reina, soberana, no centro econômico de nossa cidade.

“Começa o dia (...) e então estendemos nossas mãos nas calçadas, buscando míseras esmolhas de felicidade.”

“A alvorada ainda está escondida pelo azul cobalto do céu. As padarias ainda nem abriram. Mas a fome já se espalha pela manhã.”

“Não há vagas. Não há vagas. Há desprezo, insensatez, mesquinhez, ódio, filhadaputice, escrotice, solidão.”

E como um caminhante no caos que observa em sua volta, vai enumerando com sua nostálgica memória, a decadência do comércio que outrora pontuava com tradição e história a geografia mundana do Rio. Recolhe o que restou de endereços onde ainda sacia sua fome com as delícias que sobreviveram. Opus, Paladino, A Mineira - e reúne os amigos de sua pequena Confraria, uma espécie de cavaleiros das távolas redondas dos botequins resistentes.

Seu olhar de indignação não apaga o observador do entorno que emoldura sua trágica visão, como num documentário antropológico ou (novamente) numa pintura de Edward Hopper, consegue registrar, ao entrar num bar: “Há dois clientes. A atendente é loura, gordinha, bonita e olha para o outro lado da rua, como se admirasse um senhor gordo, também passando por ali. Ela fixa o olhar. Será?”

E se consola: “Continuo pobre, estou desesperado, mas meu par de bermudas e de chinelos me deixa feliz. Ultimamente tenho escrito livros.”

E escreve freneticamente. Em sua coluna aos sábados no Correio da Manhã, e em dezenas deles publicados, sobre futebol e sua paixão



Em ‘A Alma Aflita das Ruas’, Andel se debruça sobre um Rio decadente

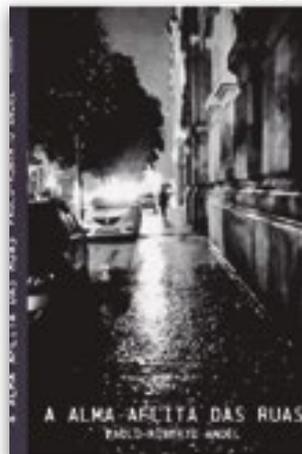
Divulgação

pelo Fluminense.

Segue sua saga numa espécie de vingança contra a fome alheia e que não tem condições materiais para mitigá-la:

“Depois de comermos pastéis com laranja na Rua dos Andradas (...) vamos lá porque é gostoso e barato (...) resolvemos caminhar até o Largo da Carioca (...) eu pensei em fazer a minha velha visita ao Santos Dumont para tomar um sundae de morango em meio ao silêncio da Praça de alimentação do aeroporto.”

E sua fixação pantagruélica continua, descrevendo um desfile de sanduíches nos endereços que ainda se sustentam em meio ao desastre neoliberal que é o responsável por essa multi-



plão de famintos e sem teto sob onde houver marquises que os protejam das chuvas.

No entanto, consegue desfrutar da beleza da Cidade, como extrair a pérola que é a materialização da doença da ostra:

“...então logo chego ao VLT e fico admirando a beleza noturna da região, as árvores, os prédios da Beira-mar. (o trecho do aeroporto à Cinelândia é imperdível, pela bela arquitetura ali reunida).”

E seu olho de lince foca distante, onde “as travestis dominam os postes, o que sobrou dos orelhões, os cercados e muitas paredes. A luta pela sobrevivência exige estratégias de marketing. “ (...) seis pessoas em situação de rua, mais

seus três ou quatro cães de estimação, vivem a morte em vida debaixo de uma marquise.”

“(...) no centro do Rio o prato mais popular é o pacote de biscoitos. Sempre há jovens e adultos indo e vindo com biscoitos pra disfarçar a fome.”

“Na Nova Petrobras descem batalhões de funcionários estranhos com suas roupas corporativas de cores neutras, suas mochilas com notebooks e fones de ouvido que ajudam a apagar o cotidiano triste.”

“Passo na quitandinha recém aberta, compro pão para depois fazer um queijo quente. Um guaraná também. Gosto da lojinha pequena, acolhedora, com jeito de antigamente.”

Certamente se lembrando de tempos acolhedores e sem a pressa histórica da sobrevivência atual.

Registra também fatos na sua Copacabana onde morou adolescente:

“(Minha terra sempre será Copacabana, mas sou um cidadão do coração da cidade)”. Descreve cenas antológicas num elevador com o cantor Cauby Peixoto e seu paletó de lantejoulas azuis, Clóvis Bornay e Rogéria nas noites do bairro; a Lapa de Madame Satã e do cantor Osvaldo Nunes - que a amnésia cultural brasileira juntou ao batalhão de nomes excluídos, assassinado por dois garotos de programa.

E continua: “O Largo da Carioca em silêncio de morte às seis da tarde. O povo foi expulso pelo desemprego. Há um certo silêncio triste e indistintível nos arredores. Burburinho mesmo só numa fila de moradores de rua para ganhar o sopão.”

“Se a população envelheceu e a boemia encolheu, paciência, mas não há como apagar a história de bares e boates memoráveis, dos inferninhos aos templos da bossa nova...”

Memorialista da urbanidade, fala dentro dele a voz da preservação desse patrimônio:

“Pela milésima vez, tiro uma foto do relógio da Mesbla. Nunca se sabe até quando o relógio estará lá ou alguém se interessará em fazer o registro.”

Renomeia sua série de pequenas histórias e cunha o nome de um famoso jornal paulista, conhecido pelo noticiário de crimes, “Notícias populares”. E se dedica, como num alerta na falta da atenção das autoridades, a uma espécie de aviso aos navegantes sobre as zonas de risco.

Antes de se despedir: “A semana será puxada no trabalho e continuarei preocupado. Muito preocupado. Tentar buscar energias sobressalentes e resistir. Escrever. Torcer. Sonhar. É isso: sonhar é preciso.”

Cai o pano sobre a Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Um livro imperdível.

\*Cineasta e poeta

# As delícias de um novo mundo

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

**E**ra uma vez, que comer bem era devorar um bife alto de filé mignon, bem mal passado, acompanhado de um punhado de batatas fritas em gordura de porco. Esse tempo ficou para trás. Agora, temos práticas sustentáveis, comida saudável, produzida em boas práticas. Adentramos o Teva Deli com Fernanda Lobianco, uma eficiente partner desse mundo, com o seu [www.botapragirar.com](http://www.botapragirar.com).

com, tateando ainda o que iríamos comer. Fernanda balançou sua varinha mágica e vimos literalmente um novo mundo de delícias.

O ambiente é bonito, agradável, direto e o atendimento do Daniel foi digno dos tempos de contos de fadas. O cardápio oferece café da manhã e brunch durante todo o dia. Nas estantes e nas vitrines uma miríade de produtos veganos, especiais, que a vontade é virarmos uma legião de pessoas para poder provar de um tudo.

Daniel Biron, referência na gastronomia vegana, com passagem

CRÍTICA / RESTAURANTE / TEVA DELI

Rodrigo Azevedo/Divulgação



A proteína animal é muito bem substituída na Teva Deli

pelo famosíssimo Noma, faz um cardápio que oferece a versão das proteínas animais em grande estilo. O sanduíche no croissant feito em casa com manteiga Naveia, tofu mexido, queijo de castanha, muçarela Basi.co e Uai Tofu defumado é uma mistura equilibrada e das boas. É surpreendente como o croissant

é perfeito, folhado em camadas, assim como o palmier que considero o melhor desse nosso reino.

O Lox de cenoura é muito melhor do que o de salmão. O pão de fermentação natural Slow Bakery, queijo de castanha, cenouras marinadas, cebola roxa, dill, alcaparras e alga nori. Sem processamento, só

sabor. O mate com lavanda é o leve acompanhamento. As pastas de grão de bico e de ricota com tomate seco acompanham bem os pães. O café coado é igual ao da fazenda da infância, daquele moído na hora, passado no coador de pano com o palmier “brinde”.

Fernanda é dos doces e comandou a musse de chocolate. Começamos de lamber a colher. As opções são variadas: saladas, tapiocas, salgados, iogurte, pastas, viennoiserie (os especiais pães doces), bolo, biscoitos. Além disso, a Teva - natureza em hebraico - permite que se leve para casa seus melhores produtos assim como aqueles de parceiros. Vida longa à Teva Deli que nos leva às terras encantadas da gastronomia vegana.

## SERVIÇO

TEVA DELI

Avenida Nossa Senhora de Copacabana, 1334, Loja A  
Diariamente, das 7h às 22h

## NOTÍCIAS DA COZINHA

POR CLÁUDIA CHAVES

Lucas Ce?zar/Divulgação



### Junto e misturado

O Suru, na meióca da Lapa/Gloria/Santa Teresa, traz o melhor de vários mundos: comida mineira, pratos clássicos dos subúrbios, cerveja estupidamente gelada e croquetes clássicos e autorais. Os bartenders Igor Renovato e Raí Mendes oferecem acepipes de balcão: torresmo, azeitonas temperadas, ovo de codorna, batata calabresa, rollmops (filé de sardinha curada enrolada com conserva de cebola pérola), o risole de língua e pão de queijo frito com melaço picante. Sandubias no pão francês e a macarronada da casa para dar sustância na madrugada. Tudo incrível.

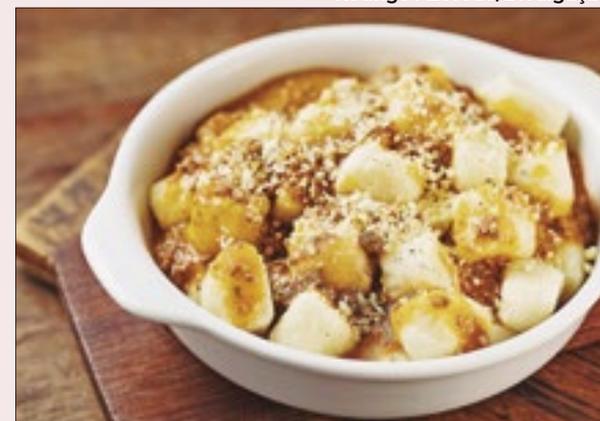
### Água de coco natural

A Casas Pedro acaba de lançar sua água de coco in natura, bebida 100% integral, sem conservantes, sem corantes e zero adição de açúcares, podendo ser encontrada nos tamanhos 300ml (R\$ 7,99) e 1L (R\$ 14,99) em todas as lojas da rede, além do site e aplicativos de entrega. O produto passa por um processo mecanizado em sua extração, o que possibilita a durabilidade de 90 dias, sem a adição de conservantes. Os clientes que possuem o programa de fidelidade ‘Sou de Casa’ têm descontos em ambos os tamanhos da bebida.



Divulgação

Rodrigo Azevedo/Divulgação



### Nhoque da fortuna

A tradição surge quando, em um 29 de dezembro, São Pantaleão, faminto, bateu à porta de uma família. Tinham pouco a dividir: sete pedacinhos de nhoque para cada. Depois da partida do santo, acharam uma fortuna na mesa. Então, todo dia 29 é bom comer sete pedaços de nhoque de pé, colocar uma nota embaixo do prato e fazer um desejo. Melhor ainda fica a tradição se a escolha for uma das opções do Talho Capixaba. Todas as massas são artesanais: tradicional, batata baroa ou aipim com espinafre; gratinado ao molho pomodoro, bechamel, quatro queijos, ou bolonhesa.

UM BOM JORNAL  
TEM QUE SER **DIRETO**.

NÃO SER DE ESQUERDA  
E NEM DE DIREITA  
MAS, **DIREITO**.

É TER CORAGEM  
DE INFORMAR  
A VERDADE  
E NÃO IMPOR  
A SUA **VERDADE**.

É **RESPEITAR**  
A INTELIGÊNCIA DO LEITOR  
E VONTADE DO ELEITOR .

## Correio da Manhã

Há 122 anos Direto e Direito



EM UMA BANCA PERTO DE VOCÊ

[correiodamanha.com.br](http://correiodamanha.com.br) @correiodamanha